2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 28. QUINTA FEIRA, 19 DE FEVEREIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

Temos hoje a satisfação de começar a publicação de uma das mais importantes e uteis obras que a REVISTA tem publicado nos 11 annos da sua existencia.

É uma obra eminentemente pratica e toda com referencia á agricultura, base e elemento seguro da nossa prosperidade.

Quando os nossos leitores houverem terminado a descripção da applicação do systema da agricultura lombarda ao nosso solo, facilmente comprehenderão os fundamentos solidos destas nossas palavras.

Ha homens tão distinctos na historia do seu paiz, que a immensa esphera da vida publica é ainda pouco ambito para todos os seus trabalhos em beneficio da patria.

O duque de Palmella era um destes homens.

O nome que deixou illustre na historia da diplomacia Europea, nas importantes discussões da tribuna, nos actos da administração publica e nos annaes das letras, se distingue radiante de gloria, no começar a era moderna dos nossos melhoramentos agricolas.

Da altura do seu espirito elevado a luz descia sobre todos os problemas difficeis da vida social: e a rasão, que os comprehendia em todos os seus fins, os resolvia por meio seguro e efficaz. O duque sabia melhor do que ninguem a parte que a agricultura devia ter no verdadeiro desenvolvimento dos nossos interesses economicos: sabia que na administração publica lhe faltava um ministerio — que na ordem da representação dos interesses, lhe faltava um corpo consultivo para estudar as leis que a podessem desenvolver — que na instrucção official lhe faltava o ensino theorico e o ensino pratico — que nos recursos fecundantes do credito lhe faltava a faculdade de representar e dar giro aos seus valores. Conhecedor de todas estas estas difficuldades, o duque empregou o seu bom juiso e uma parte da sua fortuna em deixar uma gloriosa memoria do seu ardente desejo pela prosperidade da agricultura. Resumiu no exemplo pratico todos os seus votos em favor deste valioso ramo da riqueza do paiz.

De todos os systemas agricolas, nenhum póde com vantagem contestar ao systema lombardo o primeiro logar como o mais proficuo e de credito mais popular, e foi este o systema escolhido pelo duque para introduzir em Portugal uma avultada e mui valiosa somma de melhoramentos agricolas. A sua propriedade do Calhariz foi escolhida para realisar tão grandioso e patriotico pensamento. E foi tal o resultado obtido que, se Portugal tem a infelicidade de não dever aos seus governos estabelecimentos como os de Versailles e de Gugron, tem ao mesmo passo a fortuna de dever a um dos mais illustres homens publicos da nossa historia moderna — *a quinta-modelo de Calhariz.*

Depois da sentida morte do duque, esse seu bello pensamento não tem deixado de se desenvolver, e assim os illustres representantes do seu nome tem provado o muito em que avaliam, não só a prosperidade da nossa agricultura, mas a gloria de se completar a idéa civilisadora de seu nobre e sabio antecessor.

Temos bastante confiança na illustração que assiste a todos os actos da administração da casa

dos duques de Palmella, para julgarmos que essa quinta modelo cada vez será mais importante para a agricultura do paiz, e mais util para os interesses da mesma casa. O agricultor instruido, a quem o nobre duque encarregou a execução do seu plano, foi o sr. Gagliardi. Tão grande pensamento não podia achar mais intelligente e zeloso interprete. O sr. Gagliardi conhecedor acreditado das mais vantajosas praticas da Lombardia, em relação á agricultura, soube com muito bom senso e raro acerto fazer applicação dessas praticas ao nosso solo. A descripção dos seus trabalhos neste sentido, com que hoje começa a honrar as paginas da REVISTA, nos dispensa de outro louvor, que não seja a recommendação da sua leitura.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INTRODUCÇÃO.

Os objectos aqui mencionados foram appropriados ao terreno do morgado de Calhariz, segundo as intenções de s. ex.ª o sr. duque de Palmella de saudosa memoria, que desejou que se introduzissem, quanto fosse possivel, todos os ramos de cultura no systema lombardo, que o clima da terra permittissem.

Mas, como era opinião geralmente admittida que as terras de Calhariz eram de muita má qualidade por natureza, e taes que não permittiriam a introducção de similhantes inovações: para certificar-me pedi a s. ex.ª a permissão de me deixar fazer, antes de todas as inovações que desejava, um experimento em pequena escala: o que me foi mui cortezmente concedido: neste meio tempo experimentei com attenção a natureza das terras, vi que não eram tão más como se dizia, e não pude deixar de exclamar: Oh! por muito felizes se dariam os lombardos, se as suas terras más fossem como estas de Calhariz! Com tudo isso, continuei as minhas experiencias para vêr os resultados em relação á natureza das aguas e particularmente ao clima, á prosperidade das amoreiras, e creação dos bichos de seda, que era o fim principal dos cuidados de s. ex.ª Estas experiencias as fazia com muita satisfação, porque a difficuldade da arte e da sciencia agraria consiste em fazer a justa applicação do systema ao terreno. Para fazer tal applicação com maior certeza, adoptei a opinião dos mais prudentes mestres, e tomei por alvo, em primeiro logar conhecer bem, em tudo e por tudo, a natureza da quinta, relativamente não só á sua condição fisica, mas tambem respectivamente á economia; conhecimentos, que não são tão faceis como se julga; em segundo logar, examinar bem as praticas do sitio, e em toda a sua extensão; em terceiro logar, consultar os mais ajuisados e bons agricultores; em quarto logar, não cahir no arrojo de banir todas as practicas antigas, de um jacto, ainda que fossem as peiores, sendo costume commum do camponez louvar os methodos que pratica, e elogial-os por habito como unicos, e o que é mais citar para prova a experiencia, sem experimentar coisa alguma que differente seja do geral costume do seu paiz; em quinto logar não confiar demasiado em calculos muitas vezes quimericos; finalmente, caminhar acautelado no estudo das obras agrarias.

Por consequencia, no primeiro anno, não fiz mais do que pequenas experiencias; e tenho a honra de relatar que a cooperação dos effeitos fisicos do clima, da terra, e das aguas sobre a vegetação, são muito favoraveis; e esses effeitos não tardaram a mostrar-se satisfatorios no seguinte anno, apresentando-se debaixo do melhor aspecto. A boa indole, disposição e subordinação dos creados, e trabalhadores, contribuiram para este resultado, poisque todos, em abono da verdade, são dotados de uma penetração e perspicacia tão rara, que são capazes de conseguirem grandes emprezas. Com a brandura do tracto alcancei a execução destes trabalhos, e é necessario confessar que era louvavel a obediencia de todos os individuos a quem tive a occasião de dar trabalho. Deste facto conclue-se que a aspereza das ordens produz um effeito contrario, isto é, que são inuteis e baldados os progressos que se desejam obter.

Vendo s. ex.ª o feliz resultado dos ensaios, determinou que se praticassem em grande escala os melhoramentos agricolas, na esperança de que um tão nobre desejo podesse servir um dia de exemplo e beneficio á sua patria, que tanto amava, desejo que nunca me cessou de manifestar em todas as cartas que me dirigia, até os ultimos dias da sua existencia.

Comtudo não foi sem grandes difficuldades e inconvenientes que cheguei a poder empregar novas machinas, novos instrumentos, e adoptar novos ramos de cultivação, inteiramente differentes dos que se usavam.

Todos sabem como essas difficuldades se apresentam, quando se tracta de introduzir novos methodos, e ainda mais fazendo abandonar costumes antigos.

Tenho todavia arroteado uma grande porção de terreno, com fortes e excellentes arados de ferro; abri muitas vallas, para o livre curso das aguas, para que não ficassem estagnadas, em detrimento dos campos e da hygiene, primeira coisa que deve occupar os cuidados de um habil agricultor. Para que a terra sinta os beneficos effeitos de similhantes trabalhos, precisa esperar que a acção da atmosphera a compenetre, operação chimica natural, que não se póde effectuar logo, mas que precisa esperar algum tempo. Ora este tempo passou, e é agora que se póde vêr nas primeiras terras por mim lavradas, e semeadas, a força da vegetação, a vastidão e prosperidade, e formosa apparencia das

searas. De maneira que quando estava o trigo em herva, dois entendedores julgaram serem estas terras melhores em qualidade, para a vegetação por serem *friaveis* e porosas.

Enganaram-se, não a respeito da qualidade da terra, mas sim porque antes da minha ída a Calhariz, aquellas terras não eram senão brejos e matto, e tidas em conta de infructiferas, de mau chão, e por isso abandonadas. Porém, no breve espaço de tres annos, depois dos sobreditos trabalhos, attrahiram os olhos dos admiradores, pela prosperidade com que produziam. Para conhecer a fertilidade das mesmas, basta vêr o que mostra a vegetação de tres annos, a saber: amoreiras, oliveiras, e vinha, que plantadas nessas terras cresceram todas com grande força, e contra a minha expectativa.

O quanto estas sentem a mais pequena porção de estrume, denota tambem a bondade dellas; por exemplo; se para estas precisa um hectare de chão 30 carradas; se fossem verdadeiramente más, precisariam tres vezes mais. O bom agricultor nunca se esquecerá de lavrar a terra á profundidade maior que podér, ou que a terra der, nunca porém se deverá esquecer de estrumar com abundancia as suas terras, pelo menos uma vez todos os quatro annos, ou cinco; e tambem acostumal-as a uma arroteação e cultura *agostana*, que é o tratamento que eu costumo dar ás terras. Portanto mal andam aquelles cultivadores que se persuadem encurtar as despezas, lavrando as terras com maus arados, e sem lhe deitar estrume, que é o tudo para ellas. Postoque a estação corra favoravel ao crescer dos cereaes; estes achando a terra privada daquella porosidade, e daquelle alimento que requerem, não podem filhar, e alargar as tenras raizes; e não vem a dar senão a simples semente, ou alguma coisa mais, se der.

Com effeito, viu-se este anno que uma das terras da horta velha (uma das melhores por ser terra terciaria, ou lesirias) por não ter sido bem cultivada, e bem estrumada, pouco mais deu da semente; pergunto agora: como póde o cultivador pagar as suas despezas, se é sabido que um terreno para cobrir as despezas deve produzir pelo menos 5 ou 6 sementes? Se tal fructo não der, devese abandonar similhante chão?

Então é sabio aquelle axioma que diz: — « Se « queres que te apresente uma rica colheita, dá- « me sufficiente alimento. e o necessario amanho, « que então te darei riquezas, e serás contente. » — Conheceu s. ex.ª esta verdade, e deu ordem para que se fabricasse uma abegoaria, para reunir um numero sufficiente de gado, e que no mesmo instante se passasse á construcção dos prados artificiaes, para ter com que o manter.

Junto aqui com muita satisfação a descripção de todas as coisas que diversificam ou se apoiam no systema lombardo, e que a pratica me fez adoptar. Para se avaliarem melhor os factos que vou mencionando nas minhas descripções, aponto as asserções de varios auctores, não só italianos mas tambem francezes e portuguezes; porque da mesma maneira que um enfermeiro, por muita pratica que tenha, nunca se poderá comparar com um bom cirurgião, faltando-lhe a theoria que o ajuda nas difficultosas operações, tambem o estudante nunca será bom cirurgião sem ter tido a pratica, porque é verdade que a theoria lhe explica tudo e ensina a maneira de executar, mas falta-lhe o conhecimento dos factos e o modo com que se realisam relativamente aos diversos casos. Pelo que s. ex.ª o sr. duque, defuncto, queria estabelecer em Calhariz uma eschola de agricultura theorica e pratica, comparativamente ao solo, á situação topographica, á natureza da terra, do clima, e das aguas.

Poderá pois quem quer que fôr comparar as minhas obras com outros systemas, julgar o que achar mais conveniente; e por muito feliz me darei, se os meus desejos fundados em sinceros esforços, corresponderem aos interesses immediatos da exm.ª casa ducal.

CONFERENCIAS SANITARIAS INTERNACIONAES.

I.

As conferencias sanitarias que ha pouco findaram em Paris foram um grande facto em relação á sciencia, á administração publica, e ao commercio.

Pertence á França a gloria de apresentar a uma reunião de commissarios das differentes nações os problemas complicados, em que se devia resolver a questão das quarentenas, estabelecendo perfeita harmonia entre a saude dos povos, e os justos direitos do commercio.

Neste seculo em que o trabalho todo da humanidade parece concentrar-se em dois pontos — na barateza da producção, e na facil e rapida communicação entre o productor e o consumidor — a questão das quarentenas chegou a ser uma das mais graves questões economicas, e sem exaggeração se póde considerar como uma questão humanitaria.

Em taes circumstancias o pensamento da França foi digno dessa nação, que pela sua intelligencia e pela cultura do espirito se tem cercado do prestigio da admiração das outras nações, e das mais vivas sympathias da sua estima.

O principio estabelecido será fertil em consequencias. Segundo elle, a decisão dos problemas em que os interesses das nações se uniformisam, será sempre dependente do estudo previo, por meio de discussão, em assembléa composta de representantes, especialmente encarregados pelas suas habilitações, ou

pelos seus precedentes, para traçarem com mão segura a linha que tem de correr a solução de taes problemas.

A França, formulando um programma para base dos trabalhos de reduzir a um systema commum a legislação sanitaria, convocou as nações para escolherem representantes, que pela parte de cada uma preparassem a solução das valiosas questões ahi comprehendidas. A convocação foi comprehendida em todo o seu alcance, as nações escolheram os seus commissarios. A sciencia e o commercio deviam ser duas bases da futura discussão. Foi portanto estas duas partes distinctas que as nações procuraram representar. Em geral, a escolha foi digna do fim a que se dirigiu, e nomes admirados na sciencia e respeitados no commercio figuram na lista dos commissarios dos differentes paizes ás conferencias sanitarias.

Portugal, esta nação desventurada, que se esquece a si mesmo, ahi foi honrosamente lembrada pela maneira digna, illustrada e conscenciosa com que os seus representantes comprehenderam os seus deveres.

Eram os commissarios de Portugal os srs. conselheiro José Maria Grande, e João Mousinho da Silveira.

Em Portugal, quando a inveja e o cynismo não podem lançar a baba da sua peçonha no caminho honroso por onde vão as suas victimas, fazem silencio em volta dellas. A sentença injusta que assim fere o merito e o zelo é consignada ao esquecimento. Por estes motivos o nosso regosijo recresce, quando na efusão de um verdadeiro orgulho por este nome portuguez, outr'ora tão coberto de gloria e de bençãos, podemos apontar para um nosso irmão, e dizer affoutos: — é um digno filho desta terra — é um homem que honra o seu nome e a sua patria.

E mais desassombrados do que nunca podemos dar este louvor ao sr. Grande e ao sr. Mousinho, porque possuimos e vamos publicar as provas da justiça com que não duvidamos sustentar, sem irrogação de offensa a ninguem, que estes dois cavalheiros comprehenderam perfeitamente a sua missão, e fizeram com que a parte de Portugal em tão grande facto fosse identica á das maiores potencias.

Para se comprehender o relatorio que estamos fazendo dos trabalhos da conferencia, publicâmos hoje o programma que lhe serve de base.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Programma.

1.° As considerações que se referem á saude dos povos em relação aos fins das conferencias serão o unico assumpto da discussão. A politica e qualquer consequencia que lhe diga respeito é positivamente separada de todas as discussões.

2.° Fica declarado que se não tracta de reunir por este meio um congresso scientifico, poisque sendo estes muito uteis, como tem provado a sua reunião ora em França ora na Italia, o seu systema é inconveniente para o fim que se pertende, porquanto em taes congressos cada um lucta em favor de uma opinião ou de uma doutrina, recusando-se a fazer nenhuma concessão á opinião e á doutrina opposta.

As conferencias terão um caracter differente e essencialmente pratico, e terão exclusivamente por objecto, respeitando sempre as diversas opiniões, ou antes deixando-as em plena liberdade de se manifestarem, o alcançar para interesse do commercio, e por uma especie de transacção amigavel, o estabelecer um accordo ácerca de questões de facto e de applicação immediata.

3.° O escrutinio decidirá as questões em definitivo, conservando cada paiz o direito de ratificar ou rejeitar as resoluções que deste resultarem.

4.° Depois de reguladas as consequencias que se deduzem das idéas preliminares, que ficam expostas tractar-se-ha de estabelecer o principio regulador das providencias sanitarias, declarando-as obrigativas para todos.

Esta declaração será puramente uma declaração de facto — sem consignar acceitação de qualquer doutrina e com expressa reserva das opiniões individuaes.

5.° Estabelecendo o principio da condição obrigativa das providencias, será estabelecida a sua uniformidade, salvo as excepções que possam resultar dos locaes, das distancias e outras circumstancias que se tractará de bem especificar.

6.° Em seguida tractar-se-ha ainda de uma outra questão preliminar, a qual consiste em decidirse as providencias sanitarias deverão ser, restrictas ao que vem por mar — ou se devem ser no todo ou em parte, constantemente ou por excepção, ampliadas até ao que possa vir por terra.

Findas estas questões geraes, começará a solução das questões sanitarias, que geralmente são assim chamadas.

7.° Quaes são molestias a que se devem applicar as providencias sanitarias?

Todos estarão concordes em considerar como tal a peste do Oriente.

Talvez se não esteja tão concorde quanto á febre amarella da America e á cholera da India.

Em virtude de decretos modernos a França estabeleceu quarentenas para estas tres molestias.

Ao presente não será possivel mencionar outras molestias que possam exigir as prevenções sanitarias.

8.° Serão sempre necessarias as providencias sanitarias, ou a molestia seja sporadica ou epidemica?

Quanto á França, a questão podia considerar-se resolvida pelo que diz respeito á peste, porquanto só é considerada contagiosa, quando existe no estado epidemico. Foi esta a doutrina que se formou como resultado das discussões da Academia de Medicina.

A questão não foi ainda resolvida pelo que se refere á cholera e á febre amarella.

É um dos pontos mais importantes que as conferencias tem a examinar. Se se podér declarar por um accordo que as providencias sanitarias só devem ser applicadas ás epidemias e não aos casos isolados, tornar-se-ha a questão mais simples, e se prestará ao commercio um serviço consideravel.

9.º Serão depois determinadas as providencias sanitarias:

Quarentenas.
Lazaretos.
Isolamento.
Providencias geraes de hygiene.

(Concluir-se-ha.)

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DE GADOS, AVES DOMESTICAS E PLANTAS.

É digno de louvor e recommendação o seguinte convite do sr. Ayres de Sá Nogueira, para uma exposição de gado. Ligamos uma grande importancia a este assumpto e em outro numero expenderemos as nossas idéas a tal respeito.

A agricultura que é a mais providente e generosa de quasi todos os povos do mundo, guiada pela mão de Deus, é para os portuguezes a fonte da vida, (e a unica perpetua) de quasi toda a sua prosperidade economica. Mas se a Providencia tão generosamente dotou Portugal de um solo, de um clima, e de uma posição geographica que são a inveja de todas as outras nações; — se cortou os seus soberbos campos de numerosos e magnificos rios e ribeiras, como para lhe indicar o caminho por onde suas ricas e innumeraveis producções deveriam ser levadas á permutação reciproca, entre os seus mesmos povos, e todas as nações do universo; — se a Providencia fez mais ainda, banhando-lhe suas extensas costas com esse soberbo Oceano Atlantico (o primeiro entre todos os mares) collocando-o assim por este lado na vanguarda de todas as nações da Europa e de muitas da Asia e da Africa, em relação á maior parte do resto do mundo, ensinando tambem por este meio aos portuguezes, que se os dotou tão generosa e largamente, é porque os destinava para formarem uma grande nação, que tivesse por base de toda a sua fortuna economica a permutação constante dos productos do seu riquissimo paiz com todos os outros povos; fazendo com que os navios de todas as nações, cruzando-se continuamente em sua frente, venham como em admiração de inveja, e em demanda de commercio, passar em frente dos nossos soberbos portos, onde infelizmente hoje (pela nossa preguiça e desleixo), bem pouco encontram com que possam permutar as mercadorias quando, porventura tivessemos attendido a que — *os interesses economicos são o primeiro principio de todas as nações* — nós teriamos chegado a ser uma nação que se faria sentir na balança politica da Europa, não sómente pela sua riqueza, como tambem pela sua triplicada população, e outras ponderosas rasões.

Se, pois, Deus nos concedeu esta preciosa joia de preço infinito, mas por lapidar; e se em outros tempos, que já lá vão, nos foi indifferente assim conserval-a, porque infeliz e erradamente julgavamos que nunca nos seria preciso trabalhar; porque fomos ricos, e tão ricos como (comparativamente) bem poucas nações o teem sido; agora que precisâmos trabalhar, e muito, forçoso é, é indispensavel, é-nos tão necessario como o pão da vida, que despedacemos a venda que por tão longo tempo, e tão desgraçadamente, nos não tem deixado vêr o que mais nos convém, fazendo-nos assim tragar fructos tão acerbamente amargos, como são os da ignorancia em quasi todas as sciencias economicas; e por sua consequencia, a falta de meios, em tudo e para tudo, e a miseravel, odiosa e devastadora escravidão em que a industria geme subjugada á usura e á agiotagem, e além de mil outros males, o que é mais ainda, o que nos fere até ao fundo d'alma, é a vergonhosa desconsideração em que infelizmente poderemos caír para com todas as nações civilisadas.

É tempo pois de vermos, e bem attentamente, o que mais nos convém fazer neste sentido; e de certo que, como base fundamental da nossa fortuna economica, por nenhuma outra coisa nos é mais conveniente começar, nem com mais decidido acerto, do que pelo desenvolvimento da nossa agricultura, que em nenhuma nação, que conhece as suas conveniencias, é possivel achar-se em maior atrazo do que ella infelizmente se encontra em Portugal; mas como não ha de ser assim, se entre nós a agricultura quasi que só nos produz o que a natureza espontaneamente nos quer dar?! Se de arte e sciencia bem pouco em si contém?!! É tempo pois de a coadjuvarmos com estes dois poderosissimos elementos, que centuplicando-a nos seus productos, e alcançados por um preço muito mais barato, depressa nos faria conquistar um logar brilhante em todos os mercados estrangeiros, bem depressa faria renascer para Portugal a sua verdadeira idade de oiro.

Mas um de seus primeiros ramos é incontestavelmente a propagação dos gados e das suas melhores raças: propagal-as pois, e melhoral-as é um dos primeiros interesses dos nossos lavradores; promover e proteger a sua propagação e o seu melhoramento é um dever sagrado do governo; coadjuvar para este fim em todo o sentido, é a obrigação de todos os portuguezes.

Por todas estas rasões tão ponderosas, e porque cumpro com um dever de portuguez, quando trabalho pela minha patria, e com o unico fim de concorrer quanto está no meu curto alcance para os fins que deixo mencionados; e animado pelo resultado brilhante que pude alcançar na tentativa que fiz para levar a effeito a primeira exposição agricola em Portugal, que ha pouco acaba de ter logar, vou tentar que se leve tambem a effeito pela primeira vez entre nós, nas suas duas primeiras partes (ainda quando mesmo não resulte mais que um ensaio) uma exposição de gados, aves domesticas e plantas. Mas vou tental-o na convicção de que serei poderosamente coadjuvado não sómente por todas as auctoridades administrativas que sabem comprehender a sua importante missão, como igualmente por todos os lavradores illustrados, e assim como tambem pelo governo, que patriotica e francamente me prometteu a sua coadjuvação em quanto estiver ao seu alcance.

Esta exposição, pois, deverá ter logar em Lisboa, no sitio de Belem, na quinta e cavallariças reaes, que Suas Magestades se serviram mandar desde logo franquear para tão util fim.

Em consequencia do que fica dito, esta exposição deverá ter logar conforme o seguinte

PROGRAMMA.

Art. 1.º Esta exposição abrange, como objecto principal, todos os generos de gados, a saber:

1.º Cavallar.
2.º Muar e asinino.
3.º Vaccum.
4.º Lanigero.
5.º Caprino.
6.º Suino.

Art. 2.º Como objecto secundario acceitar-se-hão alli, tambem, todas as aves domesticas, que não sejam de recreio, e outros animaes de qualquer utilidade agricola.

Art. 3.º Tambem serão admittidos quaesquer exemplares de gados estrangeiros, dos que podem e devem propagar-se em Portugal.

Art. 4.º Do mesmo modo serão acceitas nesta exposição quaesquer exemplares de plantas:

1.º De arboricultura.
2.º De horticultura.
3.º De jardinagem.

Art. 5.º Esta exposição deverá começar no dia 9, e findar no dia 23 de maio do corrente anno.

Art. 6.º Os animaes que alli forem levados, devem ir até ao dia 6, acompanhados de uma declaração por escripto (mas em duplicado), na qual se diga:

1.º A sua naturalidade, e a quem pertencem.
2.º A sua raça e idade.
3.º O valor que tem nos sitios da sua procedencia, e no principal mercado mais proximo.
4.º A especie e custo diario do seu sustento.
5.º Qualquer outra declaração que se julgue interessante.

As plantas deverão ser igualmente acompanhadas de todas as explicações necessarias, para facil conhecimento do publico.

Art. 7.º Além das recommendações que vão ser feitas pelo governo a todos os senhores governadores civis, por interesse publico tomo a liberdade de rogar por muito obsequio a suas ex.as:

1.º Que empreguem todos os seus esforços para que esta exposição seja concorrida pelos objectos que alli são chamados.

2.º Que queiram fazer o favor de me enviarem até ao dia 20 de abril proximo (á sala da Exposição Agricola, no Terreiro do Paço em Lisboa), uma relação de todos os objectos que dos seus respectivos districtos teem de concorrer á exposição de gados.

Art. 8.º Independentemente dos srs. governadores civis, quaesquer expositores podem dirigir-se ao director desta exposição, enviando as suas correspondencias francas de porte.

Art. 9.º Durante o tempo da exposição todos os animaes que a ella concorrerem serão sustentados á custa do governo.

Art. 10.º Nos ultimos dias da exposição nomear-se-hão os jurys de peritos competentes, que se julgarem necessarios, a fim de conhecerem do merito relativo dos objectos mais importantes: para os quaes serão destinados, pelo governo, premios de varios generos.

Art. 11.º Terminada a exposição, aos respectivos donos, ou ás pessoas que os representarem, se fará prompta entrega dos objectos que alli tiverem mandado.

Art. 12.º Se, porém, seus donos preferirem que delles se faça venda, em tal caso, e avisando em tempo, os objectos para este fim destinados serão alli mesmo vendidos em leilão publico, e o seu producto entregue a quem pertencer.

Lisboa, 10 de fevereiro de 1852.

AYRES DE SÁ NOGUEIRA.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVIII.

EM QUANTO VENTA MOLHA A VELLA.

(Continuado de pag. 323.)

O sr. D. Pedro II era Bragança legitimo no gosto de se informar das anecdotas curiosas da corte, familiarisando-se para esse fim com as pessoas, que o podiam satisfazer. A historia do crucifixo alegrou-o immenso e esteve-a celebrando com discretos commentarios. Ao mesmo tempo entranhava-se no seu espirito o desfavoravel conceito, que o vulpino cortezão soube insinuar a respeito da probidade do seu emulo. Desde este momento Roque Monteiro, justificado pelo secretario das mercês *por nimia boa fé*, perdeu o credito na opinião do principe; e Diogo de Mendonça, que uma difamação vulgar teria envilecido, arvorado em patrono officioso do seu inimigo, passou aos olhos do monarcha por uma alma generosa e um coração de pomba. O vedor que era amigo de Roque Monteiro, admirado da nobreza de sentimentos do secretario das mercês, sahiu da casa do « Estrado » com as lagrimas nos olhos, cantando os seus louvores.

Assim que o vedor sahiu, el-rei tomando ar serio, virou-se para o seu ministro, dizendo:

— « Oxalá que fosse tudo agradavel, como a tua historia, Diogo de Mendonça. O peior é esta guerra e não haver dinheiro. O ultimo correio trouxe noticias do exercito? »

— « Boas, parabens a v. magestade. »

— « Então? »

— « O visconde de Barbacena, mestre de campo general do Alemtejo, acaba de dar uma lição ao marquez de Resburg, governador de

Badajoz. Tomou-lhe os gados, que iam á feira de Guadalupe, e derrotou-lhe tresentos cavallos e quinhentos infantes. »

— « Viva o visconde! E o marquez das Minas? »

— « Sabe-se que entrou em quarteis com o seu exercito nas fronteiras de Murcia e de Valencia. »

— « E os francezes não disputaram a passagem? O marechal de Berwick, esse heroe que nos ha de pôr sem um palmo de terra em Castella, não lhe offereceu batalha? »

— « O marechal é habil; mas confia em outro general melhor: — *o tempo!* Desgraçadamente parece-me que elle tem rasão. »

— « Entortaram-se muito as coisas, é verdade, Diogo de Mendonça. Os hispanhoes estão frios; passou a occasião. Ah, se o archiduque, digo, se el-rei catholico D. Carlos III segue o nosso conselho e se reune em Madrid ao marquez das Minas. . . »

— « Era partida ganha, meu senhor! Mas succedeu-nos a historia do general Pardinhas. V. magestade ha de sabel-a que é curiosa! Vieram dizer-lhe: — o inimigo está á vista. — Que espere, em quanto acabo o meu plano. — Tornaram-lhe d'ahi a pouco, exclamando: — general, já atacam as nossas linhas! — Não importa, deixem-me resolver esta equação. — Muito tempo depois levantou-se e pediu o seu cavallo. — Aonde vae v. ex.ª, disse um ajudante. — Essa é boa! vou commandar a batalha. — A batalha está perdida. Agora tracte de fugir. — É pena! acudiu elle muito placido, se esperam meia hora mais, não me escapa nem um tambor! — El-rei catholico, que Deus guarde, fez o mesmo. Se não pára tres semanas, era hoje rei de Hispanha. »

— « Então, Diogo de Mendonça, jogamos sem esperança? »

— « Longe de mim assustar a v. magestade. Eu não disse tanto. Mas a verdade é que o marquez das Minas, entrando em Madrid, levantou o bollo, e que s. magestade catholica o repoz outra vez por não andar depressa. O resto está nas mãos de Deus, e não póde estar melhor. »

— « E o dinheiro? »

— « Infelizmente! . . . Não ha dinheiro. Pois o tabaco rendeu! Mas nada chega. »

— « Os subsidios dos alliados tardam. . . . »

— « É costume. As promessas vem depressa. São tão leves! »

— « E então? »

— « Desertam-nos soldados, queixa-se a corte, e o reino diz que não póde com o peso. . . . »

— « É preciso que possa! »

— « Assim digo eu; mas elles respondem, que madeiro velho não deita sangue. »

— « Diogo de Mendonça, sabe Deus que não foram levianos, ou ambiciosos, os pensamentos com que ajustei a liga e declarei a guerra. Filippe, duque de Anjou, no throno, era el-rei de França reinando sobre Hispanha. E Castella com os Pyrinneus de menos muito grande era; depois ninguem podia com ella. »

— « Certamente: Castella só já não é nada bom visinho, o que seria reunindo-se Hispanha e França? A coroa fica muito larga para uma cabeça, e é muito pequena para tres. Não sou medroso, v. magestade sabe! porém, digo, que o mais provavel era não gostarem de a vêr senão em duas. Se os deixassem vinham até Lisboa. . . . Porque não? Este rio é tão bom porto! . . Lá tem França ourives finos, para ornar depois o diadema; e el-rei Luiz XIV assim mesmo talvez ainda a achasse pobre. É verdade que seu neto póde enviar a coroa de Filippe II, feita em Thomar; essa aposto eu que serve! »

— « Diogo de Mendonça, os francezes teem espias na corte. »

— « Coitados! . . . E nós espias aos espiões. »

— « Então conheces quem os avisa? »

— « Perfeitamente! Um genovez, chamado Viganego. »

— « E não prendes o agente? »

— « Deus me livre. Este conheço eu, outro que venha é que não sei! . . . . Demais, assim com o homem solto temos noticias de graça, e metendo-o na cadeia, havemos de pagal-as. »

— « Por onde mandam a correspondencia? »

— « Pelos recoveiros da fronteira. »

— « Seguraste os recoveiros? »

— « Estão segurissimos. Comprei-os. »

— « Ah! »

— « Sabe v. magestade que el-rei Luiz XIV deseja a amisade de Portugal. Até expediu um pleno poder em branco a certo padre da companhia. Toda a cautela é pouca com os jesuitas. »

— « Diogo de Mendonça, não quero que me entendam com os padres da companhia. »

— « Deus nos livre, senhor! Depois, não é comigo. Sabe v. magestade que o conde da Ericeira, D. Francisco, é bom poeta? O soneto d'elle á morte do visconde de Fonte Arcada me-

rece lido. . . . Se eu estivesse ainda no meu tempo. . . . »

— « Ah, Diogo de Mendonça, temos-te outra vez com saudades de Apollo? Voltas a escravo das musas? — disse el-rei sorrindo. S. magestade era muito inclinado a bons versos, e geralmente se attribuia o valimento do secretario das mercês ás bellas poesias, que lhe escapavam nas horas vagas. Se assim era, foi talvez excepção da regra.

— « Escravo, meu senhor? Só do Santissimo de santa Engracia e de v. magestade. »

— « Bem dito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e a Conceição immaculada da virgem purissima santa Maria! » — exclamou el-rei, pondo-se em pé e recitando em alta voz, segundo costumava sempre que ouvia fallar no Sacramento. O ministro repetia mais baixo e não menos piedoso egual jaculatoria.

— « Vejamos o soneto do conde! » — acudiu D. Pedro, depois de se benzer, e tornando a assentar-se.

— « V. magestade desculpe, mas eu não sei do soneto senão uma quadra. »

— « Dize-a. »

— « É esta:

No canal o tropheu deixou seguro;
Em Castello Rodrigo vence a Hispanha;
E fez de Montes Claros a façanha
Seu nome claro, até no tempo escuro. »

— « Bravo, conde da Ericeira! — gritou el-rei satisfeito. »

— « Sobretudo o conceito do ultimo verso! . . » — accudiu o ministro — « E era um nome claro o de Pedro Jaques de Magalhães, visconde de Fonte Arcada. Entrou hoje na secretaria o requerimento de seu filho, pedindo a confirmação do titulo. . . . »

— « Que lhe será expedida; não te esqueça. A memoria do visconde ha de ser honrada como foram illustres os serviços á minha coroa. »

— « Um monarcha assim faz heroes até da gente fraca! » — exclamou o secretario das mercês, fingindo-se arrebatado. O astuto ministro queria servir o filho do visconde, e convertia o soneto em memorial. Já se vê que bem conhecia o seu augusto amo!

— « Heroes sempre nós tivemos. » — disse o monarcha. — « Agora o dinheiro é que nunca sobejou. . . . E os vinte mil homens que estou apromptando para a campanha seguinte, como ha de ser isto? »

— « Só um emprestimo, senhor. »

— « Os vinhos teem tido extracção depois do tractado » — accudiu o principe — « Os homens de negocio do Porto podiam ajudar-me. »

— « Os inglezes bebem menos vinho do Douro do que Portugal lhes gasta de fazendas, depois de revogada a pragmatica. Sabe el-rei que não dá uma coisa para a outra? . . . O tractado de 1703. . . »

— « É a lei mais sabia do meu reinado! » — interrompeu D. Pedro, severamente.

— « Assim o dizem todos! » — accudiu o secretario, cubrindo a cóva com o pé — « É verdade que fechou as fabricas e fará de Portugal uma vinha grande; póde ser que não haja quem beba tanto vinho; mas o tempo a justificará. V. magestade permitte que proponha a despacho as mercês que trago consultadas? »

— « Depois do conselho de estado. A proposito: como vão as tres fragatas que mandei armar? »

— « Estão promptas. Sahem dentro de uma semana, se houver dinheiro. »

— « Se houver dinheiro! Sempre o mesmo estrebilho. Peçam-no aos negociantes da junta da companhia do Commercio. Como está a casa das missões? »

— « Roque Monteiro informará a v. magestade. Os negocios de Roma, diz o secretario de estado, que estão cada vez mais embrulhados. »

— « Já sei. Se um dia chego a cançar. . . . verão os cardeaes. »

— « V. magestade não ha de perder essa real serenidade, que tão bem lhe fica. *Patiens quia æternus!* É o motto da companhia de Jesus. « Persiste e vencerás! » traduzi eu. . . . El-rei permitte que eu introduza logo um official dos seus exercitos do Alemtejo? »

— « Quem? »

— « Chama-se Jeronymo Guerreiro. Se v. magestade o conceder, contarei logo a sua ultima proeza de Badajoz. É um segundo cavalleiro Bayard, *sans peur et sans reproche.* »

— « Pois sim, logo. »

— « S. alteza real e s. alteza serenissima! » — disse o conde de Pombeiro, annunciando á porta. »

— « Diogo de Mendonça retire-se. . . . e agradeça a Deus os bons filhos que lhe deu! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

ROSALINDA.

Versões em francez e inglez.

Este antigo romance que com o Bernal francez e outras imitações compoem o primeiro vol. da preciosa collecção que tão desveladamente tem colligido o sr. visconde d'Almeida Garrett, restaurador destas riquezas primitivas da litteratura patria, teve uma traducção em verso inglez, já publicada na mesma collecção, e mais recente outra em verso francez, devida a M. Fournier, estudioso da historia e lettras portuguezas, e membro de varias sociedades litterarias. A Rosalinda, trajada com as galas francezas, remata um volume dado á luz em Paris, que comprehende um trabalho, do mesmo auctor, em prosa, sobre o pertendente, D. Antonio, prior do Crato. Fallaremos desta obra mais de espaço em o nosso proximo n.º

ROMANCE.

Era por manhan de maio,
Quando as aves a piar,
As árvores e as flores,
Tudo se anda a namorar;

Era por manhan de maio.
Á fresca riba do mar,
Quando a infanta Rosalinda
Alli se estava a toucar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a infeitar;
Tam lindas flores como ella
Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
Que a manhan abre a chorar.

Passava o conde almirante
Na sua gallé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar:

Captivos que a vão remando
A Moirama os foi tomar;
D'elles são grandes senhores,
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar
Mal sai o conde almirante
Na sua gallé do mar.

Oh que tam linda galera,
Que tam certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

'Dizei-me, o conde almirante
Da vossa gallé do mar,
Se os captivos que tomais
Todos los fazeis remar?'

'Dizei-me, a bella infanta,
Linda Rosa sem egual,
Se os escravos que tendes
Todos vos sabem toucar?'

'Cortez sois, Dom Almirante:
Sem responder, perguntar!'
— 'Responder, responderei:
Mas não vos heisde infadar.

'Captivos tenho de todos,
Mais bastos que um aduar;
Uns que mareiam as vélas,
Outros no banco a remar:

'As captivas que são lindas
Na poppa vão a dançar,
Tecendo alfombras de flores
P'ra seu senhor se deitar.'

— 'Respondeis, respondo eu,
Que é boa lei de pagar:
Tenho escravos para tudo,
Que fazem o meu mandar;

'D'elles para me vestir,
D'elles para me toucar...
Para um so tenho outro imprêgo,
Mas está por captivar.'

— 'Captivo está, tam captivo
Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, moiros,
Voga certo, e a varar!'

Ja se foi a Rosalinda
Com o almirante a folgar:
Fazem sombra as larangeiras,
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d'el-rei
Por alli venha a passar.

'Oh monteiro, do que viste,
Monteiro, não vás contar:
Dou-te tantas bolsas de oiro
Quantas tu possas levar.'

Tudo o que viu o monteiro
A el-rei o foi contar,
Á casa da estudaria
Aonde estava a estudar.

'Se á puridade o disseras,
Tença te havia de dar:
Quem taes novas dá tam alto,
Alto hade ir... a inforcar.

'Arma, arma, meus archeiros
Sem eharamellas tocar!
Cavalleiros e piões,
Tudo a tapada a cercar.'

Inda não é meio dia,
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite
Vão ambos a degollar:

Ao toque de ave-marias
Foram ambos a interrar:
A infanta no altar mor,
Elle á porta principal.

Na cova de Rosalinda
Nasce uma árvore real,
Na cova do almirante
Nasceu um lindo rosal:

El-rei, assim que tal soube,
Mandou-os logo cortar,
Que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar;
E o vento que os incostava,
E elles iam-se abraçar.

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais póde fallar;
A rainha, que tal soube,
Cahia logo mortal:

'Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dois innocentes
Que Deus queria juntar!'

ROSALINDA.

It was the early morn of May Day,
When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers
Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day,
On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
Flowers they bring her virgin white—
But on a blossom soft as she is
Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda.
Than the rose that decks the thorn—
Purer than the purest lily
That opes to weep at dewy morn.

The Count High-Admiral passed by her
In his galley of the sea—
On each side so many rowers
Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it—
All from Afric's bosom torn—
Some were proud and mighty nobles
Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
Answering well the guiding oar—
More gentle still he who commands it,
Skill'd to leave or gain the shore.

—'Count Lord Admiral tell me truly
From your galley of the sea,
If the captives that you conquer
All to row compelled be?'

—'Fair Infanta! tell me truly—
Without equal, Rose so fair!
The many slaves that gladly tend thee
Tire they all thy flowing hair?'

—'Art thou courteous, Count! so lordly
Asking thus—not answering me?'
—'Answer thou, and I will answer,
To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
Twine on deck the mazy dance—
Deftly weaving flowery carpets,
Couch for Lord in dreamy trance.'

—'Thou'st answer'd, and I answer thee—
For good the law that bids repay.
I have slaves for every purpose—
Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments.
Some to tire my flowing hair.—
For one I keep another office,
But him my toils must yet ensnare!'

—'He's ta'en—he's thine! So fully captur'd
That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to the land—the land, ye vassals,
And drive the galley high ashore!'

Then sweet with fairest Rosalinda
And noble Count the moments sped—
While orange groves her form o'ershadow'd
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
Any good without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
As he roam'd to walk that way.

— 'What thine eyes have seen, O huntsman!
Huntsman! prithee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
As much as thou can carry well.'

All the royal huntsman witness'd
Did he to the King make known,
On study bent in private closet
Thoughtful sitting and alone.

— 'Whisper low the news you bring me,
And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
And we hang thee high in air.

To arms — to arms, my faithful Archers,
Without the rousing war-pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
Haste the grove to circle round!'

It is not yet the glow of mid-day,
Loud and long the bell doth boom!
It is not yet the gloom of midnight,
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,
Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda
Did a Royal tree disclose,
Soon the grave of Count so noble
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels
Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
Still the emblems thrive again;
E'en as the air which them embracing
Feeleth neither wound nor pain.

The King when he was told the story
Ceased he to speak for aye,
And when the Queen the wonder heard
Moan'd she thus her dying lay:

— 'Call me not Queen! — a Quen no longer,
She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder
Whom heav'n would fain have joined in one!'

ROSALINDA.

Ballade portugaise.

C'était un matin de mai,
Quand l'oiseau dans la nuée,
L'arbre au bois, la fleur au pré,
Chantent l'amour réveillée.

C'était un matin de mai,
Quand Rosalinda l'infante
Sur le rivage embaumé
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,
Rouges fleurs avec leur branche:
Mais en grâce elle passait
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,
Mieux que la rose nouvelle,
Le nénuphar et le lis
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait
Avec sa galère sombre
Mainte rame s'y pressait
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

Les captifs ses noirs rameurs
Il les prit au pays More.
Tous, ils sont de grands seigneurs,
Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port
Qui ne redoute la guerre
Quand le comte amiral sort
Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau,
Comme on y rame en mesure!
Que son capitaine est beau,
Que sa main est forte et sûre!

— Dites-moi, comte amiral,
Pour ces captifs, votre prise,
Le labeur est-il égal?
Rament-ils tous, sous la brise?

— Vous que je vois se mirer
Belle infante, fleur d'élite,
Savent-ils tous vous parer
Ces esclaves, votre suite.

— L'amiral est peu galant.
Pour réponse une demande!
Qu'il parle, il se peut pourtant
Que sa réponse on lui rende.

— Ainsi qu'un chef d'Adouar,
J'ai bien des captifs, madame,
Du travail tous ont leur part,
L'un manœuvre et l'autre rame.

Les captives au beau front
Dansent, effeuillant la rose,
Et de fleurs jonchent le pont,
Pour que leur maître y repose.

— Vous répondez, je vous dois
Comte, égale politesse:
J'ai, dociles à ma voix,
Esclaves de toute espèce.

L'un est là pour m'atourner
Et cet autre me fait brave (belle).
Un emploi reste à donner.
Ou manque encor un esclave.

— Cet esclave il est trouvé,
Il défend qu'on le libére;
Il ne veut qu'être arrivé.
Ramez vite, allons a terre!

Et Rosalinda partit;
Et le comte est avec elle,
Les fleurs leur prêtent un lit,
L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort — c'est là sa loi —
Ne veut qu'un bien sans mal vienne;
Là, passe un veneur du roi.
C'est le destin qui l'amène.

De tout ce que tu vis là,
Ne conte rien à personne,
Veneur, on te donnera
De l'or à payer un trône.

Mais ce que le veneur sait,
Près du roi vite il s'en vante,
Qui dans son palais était,
Et qui pensait à l'infante.

En honneur dis chaque mot,
Tu recevras récompense.
Mais qui dit haut, ira haut,
C'est-à-dire à la potence.

Vite, archers, vite, clairons,
Sonnez, comme pour combattre,
Nobles, cavaliers, piétons,
Vite, allons la forêt battre.

Midi n'était pas frappé
Que sonne un glas mortuaire;
Minuit n'avait pas tinté
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après
Dans leur fosse on les emporte,
Elle au maitre-autel, lui près
Des marches de la grand'porte.

Voilà qu'au premier tombeau
Nait un noble et puissant arbre,
Quand un rosier grand et beau
Pousse auprès du second marbre.

— « Çà qu'on les lie en fagot
« Pour en faire de la cendre. »
Cria le vieux roi, sitôt
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,
Chacun à l'envi repousse;
Même, ils semblent se baiser
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé
Cette aventure inouie.
Depuis, il n'a plus parlé;
La reine est évanouie.

D'elle on a pu retenir
Ces mots: « Je ne suis plus reine.
Dieu voulait les réunir
Nous avons rompu leur chaine. »

NOTICIAS E COMMERCIO.

Suicicio. — Suicidou-se em Mafra, na manhã do dia 12 do corrente, um mancebo imberbe, anspeçada de infanteria n.º 7. A espingarda que lhe fora confiada para defender a propria vida, foi o instrumento de que se serviu para lhe pôr termo. Um capote foi causa de sua desgraça. Tinham-lho roubado da arrecadação, que era a seu cargo; e receioso de se appresentar, pela primeira vez, diante do seu capitão, (por quem era estimado), cumplice n'uma falta, que sua mal intendida honra lhe fantasiara irremediavel, perpetrou o crime. Era de comportamento exemplar, e bemquisto de seus superiores. A sua morte foi geralmente sentida por toda a corporação.

Bibliothecas na Dinamarca. — Este reino é sem controversia o que possue maior numero de livrarias publicas. Em 1849 havia 700 paroquias providas desta classe de estabelecimentos, para os quaes contribuem mensalmente até os lavradores e jornaleiros com quantias maiores ou menores, para as frequentarem a miudo. Os povos pequenos rivalisam neste ponto com as cidades; e em quasi todos os edificios publicos acha-se uma bibliotheca.

Munificencia régia. — A rainha catholica deu ha pouco uma nova demonstração da protecção generosa que concede á litteratura hespanhola. Arbitrou ao distincto escriptor e poeta dramatico, D. Thomaz Rodrigues Rubi, uma pensão vitalicia de 30:000 reales annuaes, encarregando-o de reunir nos archivos e onde convier os materiaes necessarios para escrever depois a *Historia geral philosophica da monarchia hespanhola.*

Noticias agricolas de Coimbra. — Pelo que diz o *Observador* o aspecto dos campos é bello e risonho depois das copiosas chuvas que tem havido. Os gados tem abundantes pastos. Começam em grande escalla as sementeiras em trigos e batatas. A feira das Neves esteve concorrida. O tempo vae bom. As innundiações do Mondego causaram pouco damno.